



ECONOMIA

OS ESTÍMULOS MONETÁRIOS E FISCAIS TRILIONÁRIOS AO REDOR DO MUNDO ACALMARAM OS INVESTIDORES GLOBAIS EM MAIO DE 2020

SOBRE O MÊS

Em maio de 2020, o mercado financeiro deixou para trás a maior crise de saúde mundial causada pela COVID-19 e apresentou excelentes resultados, principalmente por conta dos gigantescos pacotes de estímulos monetários e fiscais anunciados pelos bancos centrais e governos ao redor do mundo.

Pelo lado monetário, os bancos centrais das principais economias além de zerarem suas taxas básicas de juros, injetaram em dois meses mais de 5,0 trilhões de dólares no sistema financeiro, e mais, anunciaram que poderão injetar recursos adicionais se julgarem necessário. Com tanto dinheiro novo na economia, estes tendem a migrar para países emergentes, como é o caso do Brasil, onde ainda é possível encontrar ativos com retornos atrativos e risco moderado.

No campo fiscal, o montante de recursos anunciados pelos governos, principalmente EUA e Alemanha, é impressionante, mais de 4,0 trilhões de dólares gastos na economia real.

E este é um ponto interessante, apesar da excelente recuperação do mercado financeiro, a economia real ainda patina. O desemprego ao redor do mundo disparou por conta das restrições à circulação impostas, o consumo também despencou e tende a ficar em um patamar inferior ao longo de todo o ano.

Esta dicotomia entre mercado financeiro e economia real é explicada justamente por estes pacotes econômicos de estímulos, que tem por objetivo suavizar a queda da economia real, mas seu principal efeito é justamente no preço dos ativos, que apresenta uma recuperação bem mais rápida que os demais segmentos da economia.

Vale destacar também a ansiedade do mercado na flexibilização das restrições ao redor do mundo, assunto muito difundido ao longo de maio, que também contribuiu para o bom humor dos investidores globais.

No Brasil, a economia recuou 1,5% no primeiro trimestre de 2020, com o consumo das famílias despencando 2,0% em comparação com o trimestre anterior, e lembrando que a quarentena no país iniciou somente em meados de março, logo, o resultado esperado para o PIB do segundo trimestre é muito pior, os investidores locais já projetam queda de mais de 6,0% no PIB este ano.

Na mesma linha de desaceleração, o principal índice de preços do Brasil, o IPCA, apresentou deflação em abril de -0,31% e em maio está projetado deflação de -0,40%. Preços controlados, inclusive em queda, e atividade muito debilitada, o mercado espera que o Banco Central do Brasil corte a taxa básica de juros, a taxa SELIC, para 2,25%.

Entrando nos ativos, em maio, os títulos públicos indexados à inflação (IMA-B) rentabilizaram na média 1,52%, enquanto os títulos públicos pré-fixados (IRF-M) rentabilizaram 1,42%. O ativo livre de risco representado pelo CDI apresentou retorno de 0,24% no mês e, finalmente os títulos privados voltaram a rentabilizar de forma satisfatória, principalmente por conta da normalização da liquidez deste mercado, contribuindo para a boa performance de carteiras mais conservadoras.



No mercado de ações, o principal índice acionário brasileiro, o Ibovespa, rentabilizou 8,57% no mês. E no exterior, o movimento também foi de alta, com o S&P 500, principal índice de ações nos EUA, rentabilizando 4,53% e o MSCI World, principal índice de ações globais, rentabilizando 4,63%.